EDITORIAL

O início do novo mandato do Presidente norte-americano Donald Trump, em janeiro de 2025, marcou a formalização de uma nova realidade nas relações internacionais, que vinha se configurando desde a Pandemia Covid. O desencadeamento da Guerra Russo-Ucraniana, também protagonizado pela OTAN, já havia produzido ondas de choque, realinhando placas tectônicas geopolíticas. Os conflitos do Oriente Médio, desde outubro de 2023, desestabilizaram ainda mais a ordem internacional. O sistema mundial vinha ingressando de forma irreversível em uma multipolaridade instável, gradativamente substituindo a chamada unipolaridade norte-americana e a virtual bipolaridade EUA-China.

A atuação de Trump, objetivamente, apenas introduziu um choque de realidade, com uma mudança assertiva de estratégia para os Estados Unidos e para o mundo. De forma contundente, como é de seu estilo, ele e sua equipe chocaram a Europa, o Canadá e a Ucrânia, com seu contato telefônico com Vladimir Putin e a desconsideração com Volodymyr Zelenski na Casa Branca. Muitos analistas argumentam que se trata de uma visão ideológica e ilógica. Contudo, Trump não se apoia na política tradicional, em raciocínios puramente ideológicos ou mesmo militaristas. Sua lógica é a de um empresário, que utiliza ameaças para obter uma negociação vantajosa. Seu objetivo é atacar o os déficits trilionários do Estado norte-americano e reverter seu declínio econômico.

Para tanto, decretou o fim da globalização neoliberal e do sistema multilateral liberal, o qual os membros do BRICS buscavam reformular. A Hard Politics realista substituiu as narrativas de Soft Power dos Democratas. E sua ação atingiu primeiro seus próprios aliados, reenquadrado-os, partindo depois para os adversários. Ele parece ter aceito que o mundo se tornou multipolar, com quatro grandes players: China, Rússia, Índia, com os Estados Unidos sendo um primus inter pares. Trump tem pressa, porque almeja bons resultados até as eleições legislativas de meio de mandato em 2026.

Muitos estadistas e acadêmicos acreditam se tratar de uma missão impossível, mas o que todos demonstram é uma confusão estratégica, com ações e alianças improvisadas, que evoluem semanalmente. Trata-se do lado Instável da nova Multipolaridade. Compreender a realidade (e as possibilidades) subjacentes constitui uma tarefa complexa e urgente, num mundo em que

todos temem em chamar as coisas pelo seu nome. Como ponto de partida, é necessário abandonar as ilusões e narrativas geradas pelo fim da Guerra Fria e analisar as relações político-militares, a revolução tecnológica e seu impacto social, as transformações demográficas e as mudanças climáticas em curso.

Nesse contexto, publicamos aqui um conjunto de artigos que trata dos casos da Ásia Central, do Brasil, da Guerra Russo-Ucraniana, do Oriente Médio, da Argentina e da China, dando voz a autores do Sul Geopolítico (Terceiro Mundo). Os autores são professores-pesquisadores de quatro grandes universidades brasileiras, da China, de Taiwan, da Nigéria, da Argentina e da Polônia, com uma amplitude de abordagens e temáticas.

A visão de autores do Sul Geopolítico enriquece a percepção acadêmica e estratégica com relação aos temas analisados, materializando os objetivos permanentes da AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais. Isso é crucial num momento em que o cenário mundial evolui para um somatório de conflitos e tensões, que já desembocaram em escalada militar, em cenário de forte imprevisibilidade. O Brasil, por sua vez, foi atingido fortemente pelas mudanças em curso, num mundo em que os cenários geoeconômicos constituem a nova realidade. Portanto, mais do que nunca é necessário que a Academia proceda a uma urgente análise crítico-realista com base na nova realidade cambiante, como forma de contribuir no apoio aos estadistas e à sociedade.

***

Agradecemos o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS, por meio do Programa de Apoio à Editoração de Periódicos (PAEP), bem como a toda equipe que trabalhou na editoração e tradução, em particular aos Assistentes de Edição Cássio Donato Monteiro D'Ávila e Igor Estima Sardo, com a colaboração de Felipe Werner Samuel. Agradecemos também aos nossos qualificados pareceristas e à Professora Cristina Soreanu Pecequilo pela revisão das traduções. O trabalho de equipe dos pesquisadores do NERINT/UFRGS tem permitido manter a regularidade e a qualidade da AUSTRAL.